

(RE)CATEGORIZAÇÃO DE AFETO EM TEMPOS PANDÊMICOS: INVESTIGANDO TEXTOS MULTIMODAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-490>

Data de submissão: 31/11/2024

Data de publicação: 31/12/2024

Tânia Gastão Saliés

PhD em Linguística. Professora Titular de Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: tanias.salies@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7564-7912>

Carolina de Mello Decco

Mestre em Linguística Cognitiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pedagoga da UERJ.

E-mail: carol.decco@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4113-0461>

RESUMO

A pandemia de COVID-19 e o isolamento social impuseram ressignificações na forma de expressar o afeto. Que atributos de uma realidade percebida se tornaram mais salientes na reestruturação da categoria AFETO? Este artigo investiga a questão em produções multimodais (Forceville, 2008) de modo predominantemente qualitativo-interpretativista, embora recorra à quantificação para minerar os dados (Creswell, 2007). Para tal, configurou um corpus de 263 charges publicadas entre março de 2020 e março de 2022 pelo jornal Folha de São Paulo [on-line] no qual identificou 16 que fogem de alusões irônicas ou humorísticas às posturas do governo Bolsonaro eacionam o domínio do AFETO. A título de exemplo, o artigo apresenta quatro das 16 charges e as analisa à luz da Gramática Visual de Kress e Van Leeuwen (2006), do conceito de metáfora multimodal (Forceville, 2008) e de conceitos da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Langacker, 2008) em uma abordagem sociocognitiva-discursiva (Musolff, 2020; S). Ao contrário das outras charges publicadas no mesmo período, as selecionadas assumem um propósito comunicativo voltado para a agência moral (Johnson; Lakoff, 1999) e inspira novos contornos ao AFETO. Nas charges o contato físico passa a ser mediado por objetos; a vacinação e o uso de máscara passam a ser perspectivados como agência moral. Tal (re)categorização ancora-se nos contextos interacional e sociocognitivo do período pandêmico.

Palavras-chave: (Re)categorização. Afeto. Multimodalidade.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PANORAMA GERAL

Durante a pandemia de COVID-19, perspectivas sobre o nós, o outro, sobre a vida e a morte, o cuidado e o afeto sofreram transformações impostas pelos protocolos de saúde, dentre eles o isolamento social. Foi necessário ressignificar formas de ser, de conviver e de expressar afeto. Nossa natureza eminentemente intersubjetiva não mais encontrava-se em terreno fértil para nutrí-lo (Fultner, 2012). Entender como interagimos com as complexidades da vida em tempos de coronavírus passa por entender como ressignificamos a categoria AFETO.

Este artigo investiga como o AFETO sofreu (re)categorizações durante a pandemia, em produções multimodais (Cavalcante; Gomes Júnior, 2021; Forceville, 2008). Para tal, configurou um *corpus* de 263 charges, publicadas entre março de 2020 e março de 2022 pelo jornal Folha de São Paulo [on-line]¹, sobre os diversos temas que povoaram o cenário da COVID-19 (negacionismo, isolamento, uso de máscara, mortes, caos no sistema de saúde) e identificou dentre elas 16 que fugiram de alusões irônicas ou humorísticas às posturas do governo Bolsonaro, motivo da morte de mais de 700 mil pessoas no Brasil². Ao contrário de outras charges publicadas no mesmo período (n=519) nesse mesmo jornal, as selecionadas parecem assumir um propósito comunicativo voltado para a agência moral (Johnson; Lakoff, 1999) que inspira solidariedade e dá novos contornos à categoria AFETO, sob a perspectivação (Langacker, 2008; Talmy, 2000) e ideologia dos chargistas.

As categorizações e recategorizações decorrem da interação do perspectivador com o seu mundo de vida (*lifeworld*, Habermas, 1987), responsável por ancorar os processos de significação no contexto interacional, por meio de pistas do “entorno sociocognitivo”, inclusive as inferidas (Lima, 2016, p. 66). Conjecturamos que a necessidade de se manter conectado ao outro afetivamente, tomando para si a perspectiva assumida pelo interlocutor (Fultner, 2012), é uma das possíveis motivações para a (re)categorização de AF³ETO. Afinal, são as práticas sociais que explicam como os “afetos, valores e gostos são negociados e apreciados” (p. 461) para sustentar laços afetivos. Tendo como pano de fundo essas conjecturas, objetivamos entender como o AFETO é (re)categorizado nessa charges.

A título de exemplificação, o artigo apresenta e analisa quatro das 16 charges com base na abordagem sociocognitivo-discursiva (Musolff, 2020; Saliés; Soares da Silva, 2023), somando

¹Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges> Acesso em: 04 março 2023.

²Dados do Ministério da Saúde (2024), disponíveis em https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 15 de abril de 2024.

³ Seguindo a notação adotada por pesquisas em Linguística Cognitiva, o artigo redige em versáteis referências textuais às representações cognitivas, sejam elas categorias, metáforas, metonímias ou esquemas imagéticos.

conceitos da Linguística Cognitiva (LC), da Pragmática, de Estudos de Gênero, da Multimodalidade e da Psicologia Cognitiva, conforme desenvolvidos nas seções seguintes.

2 CATEGORIZAÇÃO E (RE)CATEGORIZAÇÃO

Um dos fundamentos da LC (Taylor, 1989) é o entrelaçamento da linguagem com o conhecimento de mundo, gerado na e pela interação com o meio e com o outro. Para organizar tal conhecimento, separa-se e agrupa-se a informação em categorias, de acordo com um determinado *construal* (Langacker, 2008; Talmy 2000) ou perspectivação. O processo leva o perspectivador a iluminar certas características da experiência para dar-lhes proeminência em relação a outras, que permanecem no pano de fundo (*ground*). Os trabalhos pioneiros de Rosch e Mervis (1975) e Rosch (1978) já haviam associado o *construal* aos princípios que governam a categorização. Por exemplo, o julgamento sobre um número ímpar feito por leigos difere daquele feito por especialistas (Armstrong *et al.*, 1983). Para os leigos, o número três é um exemplar mais prototípico⁴ da categoria “números ímpares” do que o número 801. Matemáticos, no entanto, dificilmente concordariam com esse julgamento. Ou seja, as fronteiras entre as categorias são fluidas. “É o contexto social e discursivo que baliza a conceptualização e a perspectiva do conceptualizador” (Croft; Cruise, 2004; p. 87), bem como a “relação corpórea dos experienciadores com os eventos do mundo” (Johnson, 2007, p. 136).

No âmbito pragmático-discursivo, toda perspectiva implica uma dada intenção. Os aspectos pragmáticos (intencionalidade, implicaturas, inferências) emergem da articulação do conhecimento de mundo com o contexto social e o discurso. Ao salientar determinados aspectos da realidade percebida no processo comunicacional, o perspectivador promove uma determinada ideologia ou moral (Entman, 2007, p.164) ou a reivindica junto a potenciais interlocutores. Lakoff e Johnson (1999), no âmbito da LC, sugerem ser essa uma ação moral, reflexo de formas de pensar individuais ou coletivas, que interagem com o processo de categorização, estruturado por nossos *frames* ou redes de conhecimento enciclopédico (Fillmore, 1982), armazenados na memória de longo prazo. Trata-se de um processo que motiva metáforas, entendidas como construtos do pensamento evocados por pistas linguístico-discursivas (Lakoff; Johnson, 1980), inclusive as pictoriais. A metáfora emerge sempre que se comprehende uma categoria de um domínio mais abstrato (NAÇÃO) em termos de um domínio

⁴O membro de uma classe que é mais comumente associado a ela por possuir os atributos mais típicos daquela classe ocupa o centro categorial em uma estrutura radial, com fronteiras fluidas entre os membros que a constituem. Pertencer à categoria é assim uma questão de grau: alguns membros são mais representativos e estão mais próximos do centro categorial e outros mais distantes. Todos, no entanto, comungam com o protótipo alguma semelhança.

mais concreto (CONTÊINER). Por exemplo, NAÇÃO É CONTÊINER é uma metáfora em que se conceptualiza NAÇÃO como uma região delimitada no espaço: um CONTÊINER (domínio fonte)⁵.

A categoria teórico-analítica de interesse particular na investigação é a MORALIDADE (Lakoff; Johnson, 1999), conceitualmente relacionada ao modelo cultural de bem-estar físico e social por Lakoff e Johnson. Conjectura-se que a MORALIDADE esteja associada à (re)categorização de AFETO, pois se há afeto pelo outro, há igualmente interesse em seu bem-estar; nutre-se por ele(a) compaixão. Em outras palavras, a relação entre AFETO e MORALIDADE no contexto pandêmico sob investigação parece ter emergido do SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE, conforme proposto por Lakoff e Johnson (1999, p. 290-234). Para os autores, a MORALIDADE, enquanto categoria, é conceptualizada a partir de uma rede metafórica na qual ideais morais como justiça, compaixão, virtude, entre outras, resultam das experiências humanas sobre o que devemos ter ou fazer para viver bem. Ao observarem que esse bem-estar passa a ter valores diferentes conforme os domínios-fonte são alterados, os autores propõem um sistema metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.292) que inclui, dentre outras, as metáforas:

- a. MORALIDADE É RIQUEZA: baseia-se na metáfora da contabilidade moral, em que BEM-ESTAR É RIQUEZA. Nesse sentido, quando o bem-estar aumenta, há ganho, e quando diminui, há perda, o que nos permite afirmar que na pandemia houve perda de bem-estar.
- b. MORALIDADE É AUTORIDADE: baseia-se em dois tipos de autoridade, a legítima, que é merecida, e a absoluta, que é imposta. A Fiocruz, por exemplo, emerge discursivamente como uma autoridade legítima para falar sobre epidemias e vacinas, já que é uma instituição de ciência e tecnologia em saúde, vinculada ao Ministério da Saúde do Brasil. Tem como missão promover a saúde e o desenvolvimento social assim como construir e difundir o conhecimento científico na área de saúde.
- c. MORALIDADE É LIMITE: propõe ser a ação moral, aquela que respeita os limites prescritos para chegar a um objetivo. Na pandemia, sair de casa poderia ser considerado um ato moral para os profissionais essenciais, ou imoral, para os demais profissionais (assumindo-se aqui um posicionamento anti-negativista).
- d. MORALIDADE É NUTRIÇÃO: baseia-se na empatia e compaixão pelo outro. Trata-se da responsabilidade por cuidar de si e dos outros. Ao ficar em casa, a população cuidou de si

⁵Ver Musolff (2020) para outras metáforas no âmbito do discurso político. O domínio fonte é uma estrutura cognitiva do sistema conceptual em que se encontra o conhecimento experiential e mais concreto. É parte de nossa memória de longo prazo. Contrapõe-se ao domínio alvo, de natureza mais abstrata. No processamento metafórico, entende-se o domínio alvo em função dos atributos do domínio fonte; por exemplo, entendemos a MORALIDADE em termos de atributos do domínio fonte COMPAIXÃO.

própria e de todos, ao mesmo tempo, segundo os protocolos de saúde estabelecidos pela OMS.

O quadro teórico alinhavado permite-nos assumir que a pandemia abriu espaços para (re)categorizações de AFETO motivadas pela MORALIDADE. Nas há atributos mais prototípicos de AFETO que parecem ter sido deslocados e outros conflitantes incorporados. A seleção perceptual do que é saliente à cognição decorre de princípios cognitivos, como a proximidade (Kövecses; Radden, 1998), e de princípios comunicacionais, como o princípio da relevância (Sperber; Wilson, 1995). Segundo Sperber e Wilson, dirige-se à atenção para eventos em foco no cotidiano e toma-se como relevantes os aspectos que se sobressaem no contexto situacional da comunicação, visando um custo cognitivo mínimo no processamento da informação, em tempo mínimo. Em outras palavras, na visão da LC, há princípios cognitivos e comunicacionais que definem a rota do processo de categorização. Eles podem explicar porque há (re)categorização e porque as mudanças de sentido podem sofrer reorganizações por vezes conflitantes. O problema central é como se dá essa reestruturação face à uma conceptualização já existente, se forem elas contraditórias.

Cosejo *et al.* (2009), no âmbito da Psicologia Cognitiva, em um estudo experimental, iluminam a questão. Os autores examinaram a (re)categorização de “resistência ao oxigênio” perante a apresentação de atributos contráditórios, que modificavam o entendimento inicial da categoria e a reestruturava. Contando com a participação de 278 alunos de graduação, os pesquisadores criaram 64 imagens de uma bactéria marciana, listaram seis de seus atributos e perguntaram aos participantes se os atributos poderiam prever a resistência ao oxigênio. No entanto, antes de clicar sim ou não no computador, os participantes passaram por várias fases de treinamento em que os atributos que caracterizam a categoria “resistência ao oxigênio” foram totalmente modificados. Ao final do experimento, os participantes não substituíram a definição inicial de “resistente ao oxigênio” pela definição alvo, simplesmente deram pesos diferentes aos atributos da categoria reestruturada em relação aos da inicial. Ambas permaneceram em convívio, ou seja, o conhecimento anterior ao experimento se manteve ativo, apesar de ter peso inferior na conceptualização. Os autores mostram ainda que a exposição continuada aos atributos categoriais em seus novos contornos influenciam os resultados.

Trazendo a pesquisa de Cosejo *et al.* (2009) para a agenda investigativa deste artigo, os resultados apresentados pelos autores permitem-nos dizer que se a imersão no contexto pandêmico implicou na convivência com o isolamento, o risco de morte e as posições antagônicas quanto à vacinação, ela pode ter igualmente impactado categorias relacionadas à MORALIDADE e à EMOÇÃO como é o caso do AFETO, provocando a sua (re)categorização.

3 O AFETO

Sempre que ameaçados por situações impactantes como a COVID-19, os seres humanos tendem a assumir posições polarizadas, motivadas por crenças e emoções voltadas à preservação da saúde e do bem-estar social (Nir *et al.*, 2022). No caso da pandemia, sofremos com o risco iminente de morte, que alterou a nossa perspectiva de tempo e, consequentemente, de afetos que passaram a orientar as nossas ações no presente com vistas ao tempo futuro – “sobretudo, medo e esperança” (Fusaro; Feldens, 2021, p. 271). Nossa consciência sobre a evolução do tempo relaciona-se com fatores emocionais. Em pesquisa longitudinal, Cravo *et al.* (2022) mostram que, a princípio, o tempo se expandiu com o isolamento e o *home office*, pois horas anteriormente dedicadas a eventos sociais e ao deslocamento para o trabalho ficaram livres. Com o prolongamento dos dias de isolamento, o tempo se encolheu mediante o estresse e a agonia gerada pela ausência de contacto social, o número de mortes e a ansiedade por se proteger e permanecer vivo. Estatísticas diárias com número de mortos ou relacionadas à eficácia da vacina e de medicamentos e aos prejuízos socioeconômicos afetaram nossas avaliações sobre o tempo, a vacinação, os relacionamentos com o outro e a demonstração de AFETO (Fusaro; Feldens, 2021, p. 271). Passou-se a viver tanto sob a égide do medo da morte quanto sob a égide da esperança em dias melhores. Fusaro e Feldens definem a experiência da seguinte forma: “nossa presente passou a ser colonizado por expectativas em que a associação do risco com o comportamento, afeta um campo moral” e “muitas das questões que agem sobre o medo se dão no campo da imaginação, da especulação, não do real” (Fusaro; Feldens, 2021, p. 272). Ou seja, as emoções foram contaminadas pelo medo e pela esperança, pois nossa percepção de mundo foi por obscurecida por esses dois sentimentos. Por mais que os números relativos à vacinação e à diminuição do risco de contágio pelo COVID-19 propusessem alguma luz, tudo era incerto até fins de 2022, e o medo continuou a pautar “promessas, ameaças e discursos especulativos” (Fusaro; Feldens, 2021, 272). Afinal, somente em 05 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da pandemia⁶.

Emoções como o medo e a esperança também variaram em decorrência da polarização de pontos de vista em relação ao isolamento, à vacina e ao uso de máscaras como medidas de proteção e saúde pública. De um lado havia os defensores da cloroquina e da contaminação de rebanho, posicionando-se contra o isolamento e a vacinação, e de outro os defensores das máscaras, da vacina e do distanciamento social. Ou seja, o comportamento afetivo variou entre dois extremos (Van Bavel

⁶ Informação disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%A3ncia-de-sa%C3%BAde> Acesso em 20 de abril de 2024.

et al., 2020): (1) provocou maior hostilidade e conflito entre os defensores de perspectivas diferentes e (2) provocou maior união, cooperação e afeto em outros. A corporificação da cognição e da emoção é chave no entendimento desse comportamento (Weingand, 2012), pois é a conexão com o outro que explica como a razão é influenciada pela emoção e porque, consequentemente, o comportamento de uns motiva outros a com eles se alinharem, em uma relação dialógica.

Iluminado pelos entendimentos teóricos desenvolvidos, o artigo busca compreender e ilustrar como a categoria AFETO sofre (re)categorização face à perda dos modos de vida pré-pandêmicos e aos protocolos sanitários que nortearam as ações contra o risco iminente de morte à luz do discurso científico e dos dados estatísticos. Detalhes dos procedimentos metodológicos e analíticos, assim como considerações sobre o gênero charge e a multimodalidade encontram-se nas seções que se seguem.

4 METODOLOGIA

O presente artigo é predominantemente qualitativo-interpretativista, pois interpreta os fenômenos “em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin; Lincoln, 2006, p.17). No entanto, recorre também a aspectos quantitativos (CRESWELL, 2007), pois para chegar às 16 charges que tematizam o AFETO, seguiu procedimentos que agruparam e quantificaram as charges publicadas no jornal Folha de São Paulo [*on-line*] durante o período de março de 2020 a março de 2022. Aspectos teóricos, como a minimização de efeitos do contexto de produção (Duque, 2016), nortearam a mineração dos dados. Desta forma, o artigo examina charges de um único autor, publicadas no mesmo jornal. Trata-se, portanto, de uma pesquisa indutiva e empírica, que permite aos dados do contexto micro (o discurso multimodal das charges) conversar com o contexto macro, no âmbito social, discursivo-pragmático e cognitivo.

4.1 CONTEXTO: CHARGE, MULTIMODALIDADE E A FOLHA DE SP

Enquanto gênero, a charge tem como propósito criticar eventos ou acontecimentos da cena socio-política, econômica e cultural do mundo corrente (Ramos; Carmelino, 2020; Lima, 2015; Duque, 2021). Geralmente o faz com humor, exageros e sátiras, representadas pelo chargista na forma de caricaturas ou “distorções da realidade” (Duque, 2021, p. 108; Ramos; Carmelino, 2020). Para que haja coconstrução de sentido, é necessário que os interlocutores (chargista e leitores) compartilhem o conhecimento de mundo representado na charge. Sua “configuração híbrida de linguagem (verbal e não verbal) ou apenas pictórica (os elementos visuais são obrigatórios) produz um diferencial no que

diz respeito à explicitude dos referentes” (Lima, 2015, p. 379). Somente é possível recuperá-los e compreender o propósito comunicativo, se houver conhecimento da realidade sociocultural imediata. Esse contexto é situado no espaço e no tempo, o que explica porque as categorias discursivas representadas na e pela charge tendem a se transformar, conforme argumentado por Duque (2021, p. 114): já que a charge é uma prática social e discursiva, sua identificação e formalização em culturas distintas varia de acordo com os protótipos de cada comunidade discursiva (cada jornal/revista, cada chargista) “à medida que as práticas sociais se transformam por meio dos discursos de seus usuários” (Duque, 2021, p. 114).

O gênero, apesar de ter como objetivo gerar humor, provoca reflexão (Duque, 2021; Ramos; Carmelino, 2020), ‘move outros a agir’(Weingand, 2012). Daí serem textos autorais, assinados, que constam dos cadernos de política ou dos espaços reservados a textos opinativos em que notícias e análises de maior relevo são veiculadas pelos jornais e revistas, inclusive em suas versões *on-line* (Ramos; Carmelino, 2020).

Na análise de charges, Duque (2021) sinaliza a criticidade do balizamento do contexto de produção, visando à interpretação de um corpus do gênero. O autor ressalta que o chargista tende a se alinhar aos propósitos políticos e ideológicos da revista ou jornal em que publica as charges, pois há interesses corporativos e financeiros envolvidos. A interpretação do analista, desse modo, deveria levar em conta o contexto de produção e nele não só quem é o enunciador, mas também o perfil da instituição jornalística em que publica seu trabalho. No nosso caso, a Folha de São Paulo (FSP).

Em seu sítio (www.folha.com.br), a FSP define-se como um jornal plural, apartidário que pratica jornalismo crítico e independente e mantém clara a diferença entre notícia e falsidade. Durante a pandemia, no entanto, seus editoriais foram firmes na crítica à postura do governo Bolsonaro e na defesa dos protocolos de saúde da OMS (Rebouças; Patrício, 2022). Em um estudo de 147 editoriais publicados pela FSP no primeiro semestre de 2021, Rebouças e Patrício concluem que os editoriais usaram a pandemia como pano de fundo para destacar o conflito e as controvérsias vivenciadas pelos brasileiros e manter a agenda política como norte dos editoriais. As charges aqui selecionadas acompanham a linha editorial da FSP, sem que haja o interesse em realizar qualquer julgamento de valor sobre a posição do jornal ou do chargista, resguardando, apenas a missão do analista de caracterizar o contexto de produção. É uma seleção e como tal carrega um viés pragmático ligado aos objetivos de pesquisa: entender a categorização de AFETO e identificar se houve modificações em sua conceptualização no período pandêmico.

Pelos motivos já expostos, selecionou-se quatro charges de um mesmo chargista, Jean Galvão, que publica trabalhos sempre na mesma seção da FSP, a seção “Opinião”. Jean destaca os vieses

políticos das temáticas cotidianas no mundo e no Brasil. Suas charges são publicadas em todas as plataformas digitais da Folha, não apenas na versão *on-line* do jornal, aqui utilizada como fonte de dados. Mesmo que sejam vinculadas ao mundo *on-line*, as charges mantêm suas características: constituem um gênero visual (Arbach, 2007) que se relaciona intertextualmente com a notícia, na forma verbal, visual ou verbo-visual, enquanto gênero.

Textos multimodais conjugam por definição mais de uma semiose (Cavalcante *et al.*, 2014; Kress; Van Leeuwen, 2006). A charge, ao pinçar a relevo a cor, a imagem, o gesto, o movimento, a direção do olhar, dentre outros aspectos (Carvalho, 2022; Ramos; Carmelino, 2020), é considerada multimodal. No entanto, Ramos e Carmelino pontuam que a cor nem sempre mereceu o olhar atento de analistas do gênero. Argumentam, por exemplo, que a cor amarelo teve papel informacional na leitura crítica e humorística da charge que aludiu o episódio *golden shower* no Carnaval de 2019, com o ex-presidente Bolsonaro. A expressão *golden shower* refere-se ao ato de urinar sobre um colega ou em suas proximidades. Viralizou com duas postagens do ex-presidente Jair Bolsonaro, uma delas sugerindo que atos sexuais como os do vídeo postado no *X* (plataforma à época chamada de *Twitter*), em que um homem punha o dedo no ânus enquanto um colega urinava sobre ele, eram comuns nas festas carnavalescas. A expressão circulou nas Redes Sociais e suscintou por parte dele nova postagem com a pergunta: “o que é *golden shower*?” (Ramos; Carmelino, 2020, p. 40). A pergunta, por sua vez, motivou a charge analisada por Ramos e Carmelino (autorada por Benett e publicada *on-line* em 06 de março de 2019), em que o ex-presidente toma um jato de líquido amarelo sobre a cabeça. Nela, a cor amarela é índice de significação: urina.

No entanto, a percepção da cor e suas interpretações socioculturais varia entre povos e culturas. Seus sentidos simbólicos, como dizem os autores ao resgatar a voz de Silveira (2015, p. 2018), decorrem do compartilhamento de visões culturais pelo coletivo, da materialização dessas visões em dicionários de cor e dos efeitos psicológicos que exercem sobre quem as usa. No caso do rosa⁷, uma das cores que figura nas charges do *corpus*, o dicionário de significado das cores na cultura brasileira de Laura Aidar (<https://www.significados.com.br/cores-2/>) indica que ele remete ao universo feminino em que figuram a ternura, o carinho, a ingenuidade e o romantismo. “É a cor das emoções, dos afetos, da compreensão, do companheirismo e do romance. Representa os sentimentos ligados ao coração” e ao acolhimento (segundo o dicionário popular de Taysa Coelho, *on-line*; <https://www.dicionariopopular.com/significado-das-cores/#anchor-rosa>)⁸. Espiritualmente, dissipá-

⁷ O rosa em outros contextos socioculturais pode assumir outros valores. Referimo-nos ao contexto brasileiro.

⁸Ver também o dicionário de símbolos em <https://www.dicionariodesímbolos.com.br/significado-cores-ano-novo/> Acesso em: 04 de junho 2023.

pensamentos negativos e motiva esperança, segurança em relação ao futuro. Prova disso é que, em seu sentido metafórico, o Dicionário de Português *On-line* ainda refere-se aos sentidos de alegria e prosperidade como em “sonho cor-de-rosa” e “futuro cor-de-rosa”. No discurso jornalístico, pontuam Ramos e Carmelino (2020) com base em Guimarães (2003), a cor coaduna-se com o propósito comunicativo de quem a usa (autor e instituição que publica um trabalho), assumindo o valor de informação.

Ainda pautando-nos nos valores assumidos pelas semioses icônicas e plásticas, respaldamo-nos na Teoria Multimodal da Comunicação ou Gramática do Design Visual de Kress e van Leuwen (2006). Para os autores, a maneira como essas semioses são representadas, sua combinação e as regularidades na estrutura de composição funcionam como estruturas sintáticas passíveis de serem analisadas, como fazemos com a linguagem verbal. São declarações visuais sobre os significados culturais abertos a julgamentos e análises racionais, do ponto de vista do enunciador (p.20). Como o significado é função, três são as metafunções em que essa metodologia de análise de imagens se baseia: a representacional (sintaxe das imagens, textual-narrativa e conceptual); a interacional (relações entre imagem representada, leitores e mundo; há proximidade ou distanciamento entre eles?) e a composicional (valor informativo, saliência e informatividade dos elementos presentes, visuais e verbais).

Kress e van Leuwen (2006) sublinham que aquilo que aparece na parte superior de uma imagem tem valor ideológico agregado e é classificado como *ideal*. Já o que aparece na parte inferior habita o *real* como, por exemplo, o número de mortos durante a pandemia, caso apareça representado pictoricamente na parte inferior da charge, e a lentidão do processo de vacinação, caso apareça na parte superior. No plano composicional da imagem, Kress e van Leuwen (2006, p. 177) ilustram como o posicionamento dos elementos visuais e/ou verbais em primeiro ou segundo plano, tamanho relativo, contraste tonal (ou cor), distinções de nitidez determinam o que fica saliente à percepção. Quanto maior for o peso de um determinado elemento na composição, maior será a sua relevância na construção de sentido.

4.2 O ESTUDO

Três são as perguntas de pesquisa a responder: (1) como o AFETO é (re)categorizado nas charges selecionadas? (2) Que atributos de uma realidade percebida se tornaram mais salientes na categoria? (3) Como esses atributos vão ou não ao encontro daqueles presentes na categoria AFETO no mundo vivido dos brasileiros em período anterior à pandemia?

Assim, em uma análise exploratória, partiu-se para a identificação dos domínios cognitivos acionados mais frequentemente no *corpus*, conforme os seguintes passos: (1) compilação dos dados e familiarização; (2) codificação dos domínios; (3) revisão dos domínios; (4) seleção das charges na temática “pandemia de COVID-19”; (5) codificação de subdomínios dentro da temática “pandemia de COVID-19”; (6) revisão dos domínios acionados. Os subdomínios mais frequentes dentro da temática “pandemia de COVID-19, em 2020, foram equívocos do governo, isolamento, vacina, máscaras, mortes, reabertura e afeto; em 2021, equívocos do governo, vacina, mortes, isolamento, afeto, reabertura e máscaras; em 2022, mortes, máscaras, equívocos, vacina e afeto, nessa ordem.

Entendemos, que tanto as pistas explícitas quanto as implícitas (visuais ou verbais) que tenham sido recorrentes formam um padrão capaz de unificar o que acontece em várias charges. O ano de 2021 foi o que mais apresentou pistas evocando o AFETO, fato que nos parece natural, já que foi o segundo ano de isolamento e aquele em que mortes se acumularam. Em 2020 (n=6) e até março de 2022 (n=2), as ocorrências da categoria coadunam-se com o início e o fim do processo de isolamento.

5 AFETO EM TEMPOS DE COVID-19

A charge 1 faz referência explícita ao primeiro dia das mães em período pandêmico, ocorrido em 10 de maio de 2020. Ao fazê-lo, leva o interlocutor a acionar o *frame* EVENTO que pressupõe a participação de, pelo menos, duas pessoas, mãe e filho(a). Nesse EVENTO, os filhos compram presentes para as mães, almoçam e passam o dia com elas, dentre outras ações possíveis em um Modelo Cognitivo Idealizado⁹ de Dia das Mães. Nesse mesmo modelo, fica implícito que a relação entre filhos e mães é permeada por afetos positivos – beijos, abraços, presentes e cafunés: proximidade. Na charge, essa conceptualização de AFETO é indexada pela cor rosa, signo plástico (Carvalho, 2022; Ramos; Carmelino, 2020) que remete à ternura e ao carinho na cultura brasileira. Contudo, na perspectivação do chargista Jean Galvão, a mensagem verbal que emerge de uma tela de celular na forma de balãozinho fica em primeiro plano (Kress e Van Leewen, 2006), na parte superior da charge, e evoca a (re)categorização de AFETO. A mãe, conforme representada na charge, direciona o seu olhar para a tela que se encontra sobre um tripé, instanciando um hábito que muitos de nós experenciamos durante a pandemia: nos mantermos conectados por tempo estendido. Os elementos semióticos que compõem a charge incluem ainda a máscara personificada com um sorriso, na cor branca, destacando-se dos tons rosas já utilizados; o filho, que aparece na chamada de vídeo, também usa máscara branca; e os

⁹Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987) são construtos sociocognitivos que organizam o conhecimento na memória de longo prazo. São relativamente estáveis, constituídos nas práticas socioculturais e refletem o mundo como construção de um perspectivador e não como reflexo de uma realidade absoluta. Podem ser proposicionais ou imagéticos e acomodam metáforas, metonímias, esquemas imagéticos dentre outros.

elementos textuais (a temática “dia das mães” e a frase “mandei uma máscara. Queria dar um abraço...”). No quadro da direita, há apenas elementos visuais: uma máscara em primeiro plano, na cor branca. Ela explica como o filho quer abraçar a mãe. Se na charge houvesse apenas o primeiro enunciado (em primeiro plano) – “mandei uma máscara” – a máscara simbolizaria o presente do filho para a mãe; no entanto, o enunciado subsequente e as reticências – “queria dar um abraço...” – associados à imagem da máscara personificada, com olhos, sorriso e dois braços que envolvem a orelha da mãe, no quadro da direita (em primeiro plano), abre um espaço inferencial em que a máscara representa o próprio filho, abraçando a mãe. O contraste entre a cor rosa no plano de fundo e branca que ilumina o balão com a palavra “abraço” mantém “abraço” saliente à percepção. Do mesmo modo, mantém a máscara personificada proeminente.

Charge 1 – MÁSCARA É ABRAÇO¹⁰



Fonte: Jean Galvão (2020)

“Abraço” e “máscara” formam uma metáfora multimodal (Forceville, 2008): MÁSCARA É ABRAÇO em tempos de pandemia que evoca as metáforas MORALIDADE É NUTRIÇÃO e MORALIDADE É LIMITE (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Ou seja, no lugar de casa cheia, temos uma casa vazia. A proximidade física entre mãe e filho é substituída pelo distanciamento social e pelo contato via celular. Os presentes são substituídos pela máscara, que substitui o toque físico e demonstra o carinho e a preocupação do filho com a saúde e bem-estar da mãe, assim como o respeito pelas normas da OMS.

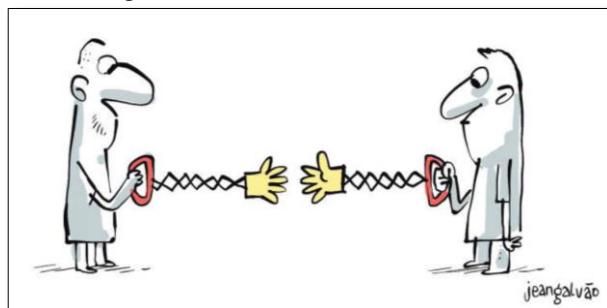
A charge 2 é pictórica (Forceville, 2008), pois é composta apenas por signos visuais. Na cena, dois personagens desejam apertar as mãos. O plano de fundo é branco e deixa perfilado uma mão mecânica e suas extremidades em amarelo e em vermelho. No entanto, o aperto de mão – cumprimento comum nos países ocidentais, tornou-se proibido na pandemia por conta do risco de contágio pelo vírus, segundo os protocolos sanitários da OMS. Nesse período, observaram-se novas formas de cumprimento, como tocar os cotovelos, fazer “soquinhos” com as mãos, entre outras. Para

¹⁰Charge de Jean Galvão, publicada em 10 de maio de 2020 na Folha de São Paulo.

recategorizar o aperto de mão, emerge no centro da cena um objeto – a mão mecânica, brinquedo típico dos anos 80/90. Cada personagem caricaturado empunha uma mão mecânica, segurando nas mãos a argola vermelha que compõe o brinquedo.

O objeto substitui o contato físico e permite a manutenção do distanciamento e da atividade socioafetiva. O olhar fixo para o objeto, e não um para o outro, indica um certo estranhamento em simular um aperto de mãos sem contato físico real. A metáfora pictórica (Forceville, 2008) evocada é MÃO MECÂNICA É PROXIMIDADE e, tal qual a charge 1, incita o público-alvo a respeitar o distanciamento, seguindo as orientações da OMS, a agir moralmente (Lakoff; Johnson, 1999), na perspectiva antinegacionista. Aqui, AFETO É MANTER A DISTÂNCIA; MORALIDADE É LIMITE.

Charge 2 – MÃO MECÂNICA É PROXIMIDADE¹¹



Fonte: Jean Galvão (2020)

A charge 3 destaca um atributo do AFETO negativo, a tristeza, em uma representação multimodal. Pictoricamente, é constituída por uma seringa e uma gotinha, no quadro da esquerda, e por uma lágrima, escorrendo melancolicamente pelo rosto do personagem caricaturado, no quadro direito. A gota que escorre da seringa é metaforicamente mapeada sobre a gota que escorre pelo rosto do personagem, signos visuais que corroboram os verbais, constituintes do primeiro plano da charge “Sinto sua falta”. Foi publicada em fevereiro de 2021, segundo ano da pandemia, marcado por uma outra onda de infecção via novas variantes letais, pelo colapso de nosso sistema de saúde e por vários desencontros na obtenção da vacina, devido aos erros sucessivos do Ministério da Saúde. A aprovação da ANVISA veio em 17 de janeiro de 2021, e a vacinação só se iniciou em maio, três meses após a publicação dessa charge.

De modo multimodal, a charge 3 retrata a tristeza e a angústia, evocadas pela expressão “sentir falta de” e pela lágrima, que habita o domínio do AFETO, opondo-se ao afeto positivo. O referente

¹¹Charge de Jean Galvão, publicada em 15 de março de 2020 na Folha de São Paulo.

do dêitico “sua” aparece no quadro da esquerda – a vacina. Ao mesmo tempo, a tristeza e a angústia sinalizadas pela lágrima e pela expressão “sinto sua falta”, remetem às consequências da ausência de vacina, como o isolamento social, impeditivo ao contato humano; o medo e a falta de esperança em relação ao futuro (Fusaro; Feldens, 2021). Em outras palavras, a ausência da vacina causa tristeza, pois não permite a volta da socialização, o exercício da intersubjetividade, parte da essência humana (Zlatev, 2012). A metáfora multimodal emergente é AUSÊNCIA DA VACINA É CAUSA DE TRISTEZA.

Existe, portanto, entre os dois quadros, relações causais das quais infere-se o propósito comunicativo do cartunista: defender a vacinação e apontá-la como a esperança de se acabar com a tristeza, em meio a um mês marcado por um índice de mortes avassalador. Em fevereiro de 2021, segundo os dados publicizados pelo consórcio dos veículos de imprensa¹², foram mais de 30.000 óbitos, média de 1.500 óbitos por dia.

Charge 3¹³. AUSÊNCIA DE VACINA É CAUSA DE TRISTEZA.



Fonte: Jean Galvão (2021)

No âmbito dos signos plásticos¹⁴ (Carvalho, 2022; Ramos; Carmelino, 2020), o pano de fundo da seringa com a vacina é lilás, sinalizando a reflexão necessária para o desenvolvimento da vacina. Já o da lágrima escorrendo pelo rosto é verde, cor associada à saúde, muitas vezes utilizada em ambientes hospitalares visando um efeito calmante, conforme o dicionário de cores de Laura Aidar e Taysa Coelho. A defesa da vacinação é o modo de o chargista exercitar sua agência moral (MORALIDADE É NUTRIÇÃO; Lakoff; Johnson, 1999).

A quarta charge é igualmente multimodal. Publicada em agosto de 2020, faz referência explícita à vacina como instrumento de retorno à normalidade, tendo em vista que quanto maior a

¹²Portal G1 de notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>

¹³Charge de Jean Galvão, publicada em 28 de fevereiro de 2021 na Folha de São Paulo.

¹⁴O signo plástico inclui a cor, a forma e a textura em uma unidade sínica autônoma. Tem sua significação fundada em experiências vividas e compartilhadas coletivamente. No caso do amarelo e do *golden shower*, a cor amarela assume função informacional, pois se refere ao jato de urina que recaiu sobre a caricatura do presidente Bolsonaro, na charge de Bennett, analisada por Ramos e Carmelino (2020).

imunização, menores seriam os índices de mortalidade, na visão do cartunista e da OMS. Além disso, a charge 4 deixa em primeiro plano a urgência de se retomar o contato físico como forma de AFETO. Essa urgência é perfilada pela expressão “a pressa”, título da charge que se divide em dois quadros. O da esquerda representa a urgência de retomar as relações afetivas presencialmente, expressa pela esperança depositada na vacina, deixando de lado considerações como o tempo de desenvolvimento de uma vacina (até então esse ciclo era de 10 anos, de acordo com a Fiocruz¹⁵) e o ciclo de imunização, como a história tem nos ensinado, dadas as várias reincidências da infecção pelo coronavírus.

Charge 4. VACINA É ESPERANÇA¹⁶



Fonte: Jean Galvão (2020)

No quadro da direita, a “pressa” é simbolizada pela representação do desconhecido, presente em uma vacina desenvolvida em tempo recorde e sem o devido processo de testagem. O braço separado do corpo sinaliza os efeitos ainda desconhecidos das vacinas contra a COVID-19 em circulação. Verbalmente, os “efeitos desconhecidos” são sinalizados pelo profissional de saúde caricaturado, ao enunciar “é cedo para saber”; seu complemento, no espaço inferencial, seria “se a vacina de fato imunizará” e “quais os seus efeitos colaterais” ainda não se sabe. No entanto, a necessidade de se recobrar a saúde, dar fim à contaminação e retomar o contato físico com o outro, fez com que a vacina emergisse rapidamente e funcionasse como índice de AFETO. O termo “tocar”, empregado na charge, é um atributo do domínio tanto quanto “abraçar” na charge 1 e “cumprimentar” na charge 2. Ambas as ações acontecem com o CONTATO FÍSICO. Em outras palavras, a vacina trouxe a esperança da retomada do contato físico com outras pessoas. Essa esperança vem representada pela cor azul que, junto ao branco, são signos plásticos que simbolizam a tranquilidade e a confiança nos resultados da vacina.

¹⁵Fiocruz (2020). Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/processo-de-desenvolvimento-de-vacinas-e-destaque-na-revista-radis> Acesso em: 15 de abril de 2024.

¹⁶ Charge de Jean Galvão, publicada em 16 de agosto de 2020 na Folha de São Paulo.

À luz da Gramática Visual de Kress e Van Leewen (2006), a divisão dos quadros implica posições políticas e ideológicas perante a vacina, corroborando Marchon e Antunes (2021). A confiança depositada na vacina enquanto índice de AFETO aparece no quadro esquerdo, posição político-ideológica defendida pelos antinegacionistas; as dúvidas e os efeitos desconhecidos foram o argumento usado pelo discurso negacionista contra a vacinação. Segundo eles, a vacina poderia causar imprevistos inimagináveis (por exemplo, a perda do braço pelo personagem caricaturado). No entanto, mais uma vez, o propósito comunicativo do cartunista foi mover outros (Weingang, 2012) a confiar na vacinação como a esperança de retorno ao normal. O cartunista exerceu sua agência moral (Lakoff; Johnson, 1999).

6 PONDERAÇÕES FINAIS

Nas charges selecionadas, o chargista incentiva o distanciamento e a vacinação e deixa em primeiro plano o uso de máscaras, os cumprimentos mediados por objetos e a própria vacinação, mesmo que os efeitos dessas medidas fossem ainda incertos à época da publicação. A ausência de proximidade surge como um atributo do AFETO, que passa a ser caracterizado pelo uso da máscara que dá o abraço, por meio do braço, que metonimicamente ativa o domínio abraço, se vacinado. Por exemplo, em (1) a ideia de proximidade física cede lugar ao distanciamento; em (2) o contato físico passa a ser mediado por objetos; em (3) o curto tempo para fabricação da vacina passa a ser conceptualizado como positivo pelas condições impostas pelo vírus e pelo consequente isolamento social, pois é ela que vai permitir o abraço; em (4) a vacina emerge como índice que vai permitir tocar o outro. Ou seja, na perspectivação do cartunista, atributos anteriormente presentes no domínio do AFETO (abraço, proximidade física, toque físico, cumprimento) são deslocados para fora da categoria. No lugar deles, surgem com maior peso a distância, o isolamento, a máscara e a vacina, enquanto efeitos da agência moral, segundo o enquadre teórico proposto por Lakoff e Johnson (1999), em seu SISTEMA DA METÁFORA MORAL.

Ao mesmo tempo, o cartunista faz uma crítica implícita aos que não respeitaram o distanciamento e insistiram em abraçar suas mães e, em cumprimentar o outro usando suas mãos, ou, ainda, em não se vacinar, expondo amigos e familiares ao vírus. Faz essa crítica ou posicionamento moral com uma suavidade que diferencia essas charges de outras costumeiras do gênero, caracterizadas pela ironia e/ou exageros.

Ou seja, o período pandêmico ressignificou a forma de expressar o AFETO na perspectivação de Jean Galvão e de muitos que se alinharam ao discurso antinegacionista. Como a categorização é subjetiva e é balizada pelo contexto social e discursivo (Croft; Cruise, 2004), os aspectos que foram

perfilados (Langacker, 2008) nas charges foram a máscara, o distanciamento e a vacina. Acreditamos que o relevo dado a esses aspectos resulta do índice alarmante de mortes nos anos de 2020-2023. Como diz Johnson (2007), são os eventos do mundo vivido que motivam as (re)categorizações. A categoria AFETO, portanto, sofreu reestruturação em tempos pandêmicos.

Pragmaticamente, Jean Galvão nos parece visar a promoção do bem-estar geral, compactuando com as metáforas da MORALIDADE, principalmente a da NUTRIÇÃO e do LIMITE. É uma “agência moral” (Lakoff;Johnson, 1999), pois à luz da ideologia antinegacionista, estaria promovendo a saúde do outro; respeitando limites estabelecidos por autoridades da área de saúde (OMS), com autodisciplina.

Confirma-se, assim, duas das conjecturas anteriormente enunciadas: há nas charges um rol de ações consideradas “morais”, assim como há o deslocamento de atributos que anteriormente figuravam na categoria AFETO (com destaque para o CONTATO FÍSICO), para a inclusão de outros (máscara, distância, vacina) por consequência da agência moral do autor, em um quadro político-ideológico antinegacionista. Essas mudanças encontram-se estruturadas por metáforas multimodais e pictóricas que refletem a complexa experiência com a pandemia. São elas: MÁSCARA É ABRAÇO; MÃO MECÂNICA É PROXIMIDADE; AUSÊNCIA DE VACINA É CAUSA DE TRISTEZA; VACINA É ESPERANÇA. Já as pistas para a (re)categorização de AFETO encontram-se tanto no plano discursivo (nas imagens, cores, posicionamento das imagens) quanto no âmbito sociocognitivo-pragmático (ideologias, perspectivação, emoção, inferências) que atuaram nas escolhas do chargista (ver Entman, 2007; Gonçalves, 2012; Lima, 2015). Foram os princípios cognitivos e comunicacionais que definiram a rota da (re)categorização do AFETO (Wen; Fu, 2021; Kövecses; Radden, 1998; Sperber; Wilson, 1995).

Outras interpretações são naturalmente possíveis já que se atrelam à perpectivação. A (re)categorização de AFETO aqui proposta advém do viés antinegacionista assumido pelo autor das charges. Além disso, em uma pesquisa de natureza qualitativa-interpretativista, a perspectiva do analista imbrica-se com o processo de análise. A temática poderia ainda ser iluminada por outros procedimentos, como entrevistas com leitores e com o próprio chargista, que ficam para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ARBACH, J.M.I. O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico. 249f. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22072009-182433/pt-br.php> Acesso em: 10 fev. 2023.

ARMSTRONG, S.L.; GLEITMAN, L.R.; GLEITMAN, H. What some concepts might not be. *Cognition*, n. 13, p.263-308. 1983.

CARVALHO, F. R. P. A construção do humor em memes verbo-imagéticos via processos de recategorização. In: SANTANA, W. K. F. de; SILVEIRA, E. L. (Orgs.), *Educação e Linguagens em interação: saberes, práticas e sentidos*. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P.226-240. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/05/Educacao-e-linguagens.-Vol.-01.pdf> Acesso em: 01 fev. 2023.

CAVALCANTE, M.M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. P. Coerência, referenciamento e ensino. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE S.; GOMES JÚNIOR, R C. Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da COVID-19. *Calidoscópio*, v. 19, n. 1, p. 104-119, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.08>. Acesso em: 10 fev. 2023

COSEJO, D.; OESTERREICH, J.; OHLSSON, S. Re-categorization: restructuring in categorization. *Proceedings of the annual meeting of the cognitive science society*, v.31, n.31, 2009. p.573-578. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/78w8j2jr>. Acesso em 03 março 2023.

CRAVO, André *et al.* Time experience during social distancing: a longitudinal study during the first months of COVID-19 pandemic in Brazil. *Science Advances*, v. 8; n. 15, 2022. *On-line*. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/sciadv.abj7205>

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Tradução de Maria Imilda da Costa e Silva. Porto Alegre: Artmed. 126 f. 2007. 2^a. Edição.

CROFT, W.; CRUISE, A.D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803864> Acesso em: 10 fev. 2023

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.17.

DUQUE, P.H. A covid-19 em charges: uma análise baseada em frames. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 69, p. 106–127, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i69.44290. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44290>. Acesso em: 17 ago. 2023.

FILLMORE, C.J. Frame semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Orgs.), *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p.111-37.

FORCEVILLE, C. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS, R.W. The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought. Cambridge: Cambridge University Press, p. 462-482. 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/254918314_Metaphor_in_Pictures_and_Multimodal_Representations/link/58c6718792851c0ccbff52f0/download Acesso em: 5 março 2023.

FULTNER, B. Intersubjectivity in the lifeworld: meaning, cognition, and affect. In: FOOLEN, Ad. *et al.* (Orgs.), Moving ourselves, moving others. Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language, Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 197-220.

FUSARO, L. G.; FELDENS, J. G. Reterritorialização dos afetos em tempos de pandemia. Linha Mestra, n. 44, p. 270-277, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2021n44p270-277> Acesso em: 04 agosto 2023.

GONÇALVES, L. S. A categorização e a recategorização de objeto de discurso como estratégia de construção de face: uma análise de depoimentos de Orkut. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

GUIMARÃES, L. A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

HABERMAS, J. The theory of communicative action, 2. Translated by T. McCarthy. Boston: Beacon Press, 1987.

KÖVECSES, Z.; RADDEN, G. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics*, v.9, n.1, p. 37-77, 1998.

KRESS, G; van LEUWEEN, T. Reading images. The grammar of visual design. 2a. ed.; Londres: Routledge, 312p. 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: Chicago University Press, 242 p. 1980.

LAKOFF, G. Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago and London: The University of Chicago Press, 632 p. 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, Mark. Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 624p. 1999.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar: a basic introduction. Oxford University Press, 2008.

LIMA, S.M.C. A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva. *Intersecções*, v.18, n.1. p.61-80. 2016.

LIMA, S.M.C.; CAVALCANTE, M.M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL*, v.13, n.25, p. 295-315, 2015. [www.revel.inf.br].

MARCHON, Amanda H.; ANTUNES, Claudia M. S. Patemização em charges sobre a vacina contra a COVID-19 no Brasil. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, v. 21, n.1, p. 349-369. 2021.

MUSOLFF, Andreas. Political metaphor in world Englishes. *World Englishes*, v. 39, n. 4, p. 667-680, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/weng.12498> Acesso em: 03 dez. 2023.

NIR, N.; HALPERIN, E.; PARK, J. The dual effect of COVID-19 on intergroup conflict in the Korean peninsula. *Journal of Conflict Resolution*, v. 66, n. 10. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00220027221107088> Acesso em: fevereiro 2023.

RAMOS, P.; CARMELINO, A. C. Cor e sentido: comentários sobre leitura de charge em redes sociais. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, v. 16, n.2, p. 32-58, 2020.

REBOUÇAS, H.; PATRÍCIO, E. Interesse público versus interesses corporativos: disputas entre Folha de S. Paulo e governo Bolsonaro em editoriais sobre a Covid-19. *Lumina*, v.17, n. 2, p. 77-95, 2022.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (Orgs.), *Cognition and Categorization*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.

ROSCH; Eleanor; MERVIS, Carolyn. Family resemblances: studies in categories. *Cognitive Psychology*, n. 7, p. 573-605, 1975.

SILVA, Augusto S. da. Discurso na mente e na comunidade. Para a sinergia entre Linguística Cognitiva e Análise (Crítica) do Discurso. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, v. 19, n. 1, p. 53-78. 2015.

SALIÉS, Tânia G.; SILVA, Augusto S. da. Interrelações entre linguagem, cultura e cognição em contextos de uso: complexidade e vieses transdisciplinares. *Matraga*, v. 30, n.59, p.225-238, 2023. SILVEIRA, L.M. Introdução à teoria da cor. 2 ed. Curitiba: Editora da UTFPR, 2015.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Volumes I e II. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press. Clarendon paper back, 270f. 1989.

VAN BABEL *et al.* Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response. Perspective. *Nature Human Behaviour*, n.4, p.1-12, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340162894_Using_social_and_behavioural_science_to_support_COVID-19_pandemic_response/link/5eac2f6045851592d6aead2d/download Acesso em: 03 mar. 2023.

WEINGAND, E. The challenge of complexity: body, mind, and language in interaction. In: FOOLEN, Ad. *et al.* (Orgs.), *Moving ourselves, moving others. Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 383-406.

ZLATEV, Jordan. Prologue: Bodily motion, emotion, and mind science. In: FOOLEN, Ad. *et al.* (Orgs.), *Moving ourselves, moving others. Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p.1-35.